

## EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## PARTOS.

2475 Acha-se já completa e á venda a preciosa obra cujo comêço fôra annuciado no tomo 1.º da Revista artigo 779, e cujo titulo é o seguinte: —

» Atlas de Estampas da Arte Obstetricia do Doctor Dietr. Wilh. Heinr. Busch, professor de medicina e director do instituto clinico da arte dos partos na universidade de Berlim. Copiadas e vertidas do original allemão pelo Doctor F. Kessler, medico de S. M. Elrei D. Fernando II. coadjuvado por J. da R. Mazarém, lente de partos na Eschola Medico-cirurgica de Lisboa.

Aqui renovamos; da abundancia do coração, os nossos agradecimentos aos Srs. Drs. Kessler e Mazarém pelo presente, que, a poder de trabalho assiduo e montuosa despeza, hão feito á sciencia e á humanidade. Esta obra constante de 154 paginas de quarto maximo de excellente papel e cincoenta estampas de igual formato lithographadas, em que se compreendem cento e noventa seis figuras, para oculares estudos anatomicos e obstetricios, tudo desenhado com a maior diligencia e claresa, não custa mais de 5760 réis.

Nada temos que recommendar aos medicos e cirurgiões parteiros, filhos das nossas escholas de Lisboa, Coimbra e Porto. Melhor que nós conhecem elles e pregoam o merito e prestimos de um livro, em que n'um momento, se pôde achar o expediente mais proprio para um lance apertado, de que talvez ao operador nenhum exemplo vivo se teria ainda offerecido em sua pratica. A's parteiras porém, mórmente ás das provincias e terras pequenas, senhoras absolutas que em todos os tempos teem sido, com direito de vida e mortes sobre mães e filhos, recommendamos, pedimos e supplicamos que se appressem em adquirir, estudar e praticar doutrina, de que já não poderão carecer sem gravissimo encarrêgo de consciencia. Os homicidios, que no seu officio commettessem d'ora ávante, nem os homens, nem já Deus lh'os relevaria.

## SOBRE A CURA DA HYDROPHOBIA.

(Carta.)

2476 APENAS lí o art. 2306 da sua sempre interessante *Revista*, logo tencionei quebrar o silencio de que V. argue os nossos praticos, communicando-lhe o que sei sobre aquelle, por si mesmo, tão recommendavel objecto; porém só agora é que me foi possivel satisfazer este dezejo, confirmando-me mais n'elle o vêr que são passados já uns poucos de n.ºs, e nenhuma outra voz respondeu ao seu chamamento, além da do Sr. Magalhães e Queiroz.

Na minha limitada clinica, que se pôde dizer na sua infancia, tenho apenas tractado uma só ferida hydrophobica, para que fui chamado poucos minutos depois do desastre, e por isso empreguei os meios preventivos

DEZEMBRO — 23 — 1843.

seguintes — compressão circular (era na côxa direita); ventósas sobre a ferida; abluções d'agua, e sabão; e cauterização com deutochlorureto d'antimonio. O mal não se desinvolveu, e felizmente não pude observar as vesiculas; entretanto, se a desgraça me deparar occasião de as vêr, eu, com toda a confiança no bom exito, estou resolvido a cauterisa-las, não só porque dos innumerados tractamentos da raiva, este é sem duvida o mais racional, praticado desde eras assás remotas na Grecia, e Russia, averiguado por Salvatori, e Marocheti, e muitos outros, tanto allemães como francezes, e até coroadado entre nós, pelo resultado mais completo, nas mãos do Sr. Queiroz; mas ainda por me constar, não ser um tal methodo novo n'estes sitios affirmando-se-me, que uma pobre mulher da charneca salvára dois filhinhos seus mordidos por um cão damnado, atravessando-lhes repetidas vezes as vesiculas com agulhas quentes, limpando o humor expellido com um panno de linho, que enterrava depois, e fazendo-lhe tomar bochexos d'agua avinagrada; processo este mais perfeito, por mais simples, pois que n'um só tempo se abre, e cauterisa.

A formula que V. transcreve no mesmo artigo é aqui muito conhecida, tem sido empregada em um grande numero de cães, e nem um delles foi ainda atacado de raiva. Dois homens tão sómente teem tomado o tal medicamento um por dupla prevenção, na incerteza se estaria ou não damnado o animal que o mordeu, e o outro, dilacerado nos orgãos sexuaes por um cão effectivamente hydrophobico, não apprezentou symptoma algum, que indicasse a presença do virus lyssico. — Estes factos postoque não recolhidos por pessoas competentes, e desacompanhados por conseguinte das circunstancias que lhes podiam fazer prestar alguma fé, não devem ser perdidos para a sciencia, e para a humanidade: e o remedio, postoque empyrico, assim como outros muitos, não deve ser regeitado só por isso; mas sim quando a observação dirigida convenientemente lhe tiver demonstrado a inefficacia. — O objecto é digno de toda a consideração dos praticos: eu da minha parte prometto consagrar-lhe os meus cuidados, se para isso se me offerecer occasião, assim como communicar a V. o resultado.

Se V. julgar conveniente dar publicidade a estas linhas desde já lh'o agradece, quem tem a honra de se assignar, etc.

Chamusca 13 de dezembro de 1843.

Antonio Candido Palhoto.

## PAPEIS EPISPASTICOS.

(Communicado.)

2477 SEMPRE que se affirma em publico alguma coisa menos exacta, cumpre rectificá-la, não só pelo amor e veneração que todos devemos consagrar á verdade, mas tambem para afastar a primeira impressão que o publico haja recebido.

No n.º da *Revista* de 30 de novembro, art. 2359, vem o extracto de uma carta do Sr. Pinto, pharmaceutico n'esta côrte, que diz o seguinte: — Os papeis epispasticos annunciados por d'Albespeyres, longe de serem uteis como se inculca, são damnosos a maior parte das vezes.

Ora o Sr. Pinto dever-nos-hia primeiro dizer em que consistiam esses damnos, porém não o diz, deixa-nos em expectativa, e contenta-se de querer substituir

o uso dos papeis epispásticos por uma pomada, que tenho visto em algumas pharmacopéas, postoque não tão forte, e que eu como facultativo posso desde já afirmar que nenhum doente poderá supportar na superficie de um caustico, cuja suppuração esteja mesmo a extinguir-se. Permitta-me o Sr. Pinto que lhe diga primeiramente que, apesar de o reconhecer como mui habil pharmaceutico, não o posso julgar auctorizado para avaliar praticamente o effeito immediato de um remedio que não faz, nem applica. A nós outros os facultativos, a braços sempre com os doentes, nos cabe essa tarefa. Não só eu, mas muitos dos mais habéis e distinctos facultativos de Lisboa, tem feito applicar os papeis epispásticos d'Albespeyres; eu não tenho encontrado inconveniente algum, nem me consta que os outros facultativos se queixem; ao contrario a muitos tenho ouvido elogiar esta invenção. Além d'isto o consumo que os papeis epispásticos tem em differentes paizes, mórmente em Inglaterra, não prova de certo a asserção do Sr. Pinto. Direi pois para conhecimento do publico: — que todos os dias emprego os papeis epispásticos, e que ainda não vi que a sua applicação fosse *damnosa*, como diz o Sr. Pinto: que entre muitos doentes tenho um que os usa effectivamente ha mais de tres mezes sobre o mesmo vesicatorio, e que não só se lhe não tem seguido *damnos*, mas que tem tido a vantagem de que o caustico hoje suppara tão abundantemente como no primeiro dia do curativo, e assim como este outro doente que os usa com equal proveito ha quasi dois mezes: que os papeis epispásticos d'Albespeyres tem uma gradação na sua força (desde n.º 1 fraco, até n.º 3), e que por esta gradação se prestam a applicarem-se, segundo o estado de susceptibilidade individual, a idade, o estado da suppuração etc. etc. Por consequencia tenho para mim que os papeis epispásticos d'Albespeyres, longe de serem uma invenção *damnosa*, são uma invenção util.

A. J. de S. Freitas Junior.

#### PERGUNTAS Á CERCA DA CULTURA DA BETTARRABA.

(Communicado.)

2478. Rogo ao Sr. Tinelli um lavrador empreendedor, que S. S.ª se sirva ensinar-lhe o seguinte: —

- 1.ª Qual a qualidade do terreno que a bettarraba exige para produzir bom resultado?
- 2.ª Qual o tempo da sua sementeira e colheita?
- 3.ª Qual o modo de a cultivar?
- 4.ª Onde se ha de achar a sua melhor semente?
- 5.ª Qual a sua melhor qualidade?
- 6.ª Qual o estado da planta em que, com preferencia, se deve colher a sua semente, e o modo de conservar esta?
- 7.ª Qual o meio mais economico de se alcançar a machina para a fabricação do assucar de bettarraba, e as pessoas intelligentes para n'isto se empregarem?
- 8.ª Tambem se deseja saber, se este assucar tem o mesmo gosto e côr, e em nada difere do assucar de cana?

Emfim todas as explicações que a este respeito achar convenientes. — 23 de dezembro de 1843.

Um assignante da Revista.

#### A SEDA.

##### ANNUNCIO IMPORTANTE.

2479. O Sr. Tinelli, Consul dos Estados-Unidos na cidade do Porto, é talvez o estrangeiro mais solidamente util, que jámais veio a este nosso reino tão comido e carcomido de passaros de arribação, que ainda em cima depois do papo cheio, vão para o seu ninho chaliar e galhofiar á nossa custa.

O Sr. Tinelli, a quem a sua patria adoptiva na America se confessa devedora d'um espantoso enriquecimento, com a criação e fabrico da seda que elle introduziu, tem empreendido fazer equal beneficio a Portugal; a isso pôz peito, e, segundo todas as mostras, chegará ao fim do seu empenho.

Acabamos de receber um folheto nittidamente impresso no fim d'este anno no Porto, intitulado — *Arte de cultivar a seda por L. W. Tinelli*, — é uma suatoria assentada em argumentos irrefutaveis, para que nos applicemos de vez a esta industria, e ao mesmo tempo um manual breve e claro de tudo quanto lhe conserne. Não podemos fazer melhor do que trasladar para aqui o seu indice: —

Importancia da cultura da seda em alguns reinos — Lombardia — Piemonte — Introducção da cultura da seda na Europa. — Producção da seda na França. — Tentativas para introduzir a cultura da seda na America do Norte. — Em Allemanha, na Prussia, na Hungria. — Na Russia. — Augmento no consumo da seda na Europa. — Na America. — Sedas da Asia, da Persia, de Bengala. — Ditas da China. — Utilidade de introduzir a cultura da seda em Portugal.

PARTE I. Cultura das amoreiras — differentes qualidades de amoreiras — Amoreira branca. — Amoreira preta. — Amoreira vermelha — Amoreira nervosa — Amoreira de Broussa. — Amoreira Moreto — Amoreira multicaule. — Influencia da folha de amoreira sobre a qualidade da seda — Analyse chimica da seda. — Clima e localidades mais proprias para a cultura das amoreiras. — Plantação das amoreiras em geral. — Plantação de amoreiras de alto portamento. — Plantação em sebe ou em bosque. — Viveiro. — Estrume para as amoreiras. — Podar e enxertar as amoreiras.

PARTE II. Creação dos bichos da seda — Necessidade de meios artificiaes para a criação dos bichos. — Escolha da semente e modo de a fazer nascer. — Tratamento dos bichos na 1.ª idade. — Tratamento na 2.ª idade. — Tratamento na 3.ª idade. — Tratamento na 4.ª idade. — Tratamento dos bichos na 5.ª idade. — Enfermidades dos bichos. Modo de as curar ou prevenir. — Dos casulos. Escolha dos casulos para a semente. Modo de suffocar as chrysalides. — Disposições geraes para as casuleiras.

PARTE III. Da fiação da seda — Importancia da exacta fiação dos casulos. — Processo da fiação — Qualidade da agua — Temperatura. — Aparelho a vapor. — Ingenho italiano ou piemontez. — Principios geraes para uma boa e exacta fiação. — Refugos e desperdicos: como utilisal-os. — Explicações do desenho do ingenho piemontez. — Modelo de um diario para um laboratorio de fiação.

Tudo isto não comprehende mais do 98 paginas em oitavo grande.

Na loja da viuva Henriques em Lisboa e no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense* se achará á venda esta obra, logo que hajam chegados os exemplares d'ella, que se esperam e não pôdem tardar.

Muito era já este beneficio de nos convencer a enriquecermo-nos e dar-nos para isso a doutrina que elle possue em gráu eminente, mas não era bastante para o Sr. Tinelli; na sua quinta do Porto se vendem excellentes amoreiras das multicaules e macrophilas para transplantar, não fallando na grandissima quan-

tidade d'ellas, que elle tem já derramado gratuitamente em ambas as provincias do norte.

São estas amoreiras, que elle vende dos seus copiosos viveiros, de dois a tres annos de idade, com raizes bem fortes e frescas; as de dois annos, dão-se por 100 rs. cada pé, as de tres, por 120 rs.; vão já cortadas pela altura com que se devem plantar e bem preparados para a plantação. Tendo de ir para longe encaixotam-se na propria caza do vendedor por maneira tal, que depois não morrem nem esmorecem com a viagem.

#### PLANTAÇÃO DE MULTICAULES.

2180 Faz hoje seis mezes que plantei 2 centos de estaquinhas de *multicaules* dos viveiros do Sr. Sales, a quem offereço este 1.º boletim da sua producção, por ter-me signficado desejo de ter d'ella noticias.

As estacas trasiam dois dias e meio de jornada para as 30 legoas de Lisboa aqui; vindo até Villa Franca pelo vapor, e d'alli por deante n'uma cavalgada, como d'antemão fôra tudo e obsequiosamente providenciado pelo Ill.º Sr. M. M. Franzini, a fim de não secarem antes de plantadas. Vinham em dois pacotes eguaes, com terra para acompanhar as hastas, e conservar-lhes a lentura, cobrindo a cada um a sua capa de serapilheira, muito ligada com guita.

Chegaram por volta do meio dia de 18 de janeiro d'este anno. — Fui logo com um trabalhador escolhido fazer eu mesmo a plantação. O terreno é pouco humido, e muito solto, e exposto ao nascente como se recommendava; porém nunca se pôde regar de verão: todavia não faz isso obstaculo, porque o terreno é tambem abrigado do vento norte e sul, — é baixo, e plano, e por isso conserva muito a fresquidão. — A terra estava cavada a mais de meia manta, quer dizer, a mais de dois palmos de profundidade.

Plantei logo as estacas a distancias eguaes de quatro palmos, para maior facilidade do cultivo, e em 8 renques. Não lhes deitei estrume, por assim vir recommendado, e a terra andar fofa.

Cerquei o viveiro com uma sébe para vedar a entrada ao gado, e á gente; porque as estaquinhas sendo, como eram, da grossura de varetas de espingarda, e ficando só com dois olhos á flor da terra, — eram por isso quasi invisiveis, n'um plano raso, e assim muito sugeitas a destruição.

Não tardou que se não enchesse aquelle piqueno serrado de hervas ruins, *seramagos*, o *mal-me-queres*, ou *pampilhos*; mondei-os. Em abril mais *mal-me-queres*; de modo que mal se viam já as estaquinhas, que começavam, todavia, a dar signal de vegetação forte. Então semeei-lhe legumes, e em meado maio já se via todo aquelle povo prosperar; mas debil, e palido, pelas frequentes chuyas que tinham caído. Hoje contei os pés; medi alguns, e achei 132 plantas mais ou menos robustas, mas todas formosas, e as mais d'ellas rebentadas por ambos os dois olhos que lhe fiaram de fóra da terra: a altura das mais elevadas é de quasi 5 palmos, em fórma piramidal, bem sortidas de folhas, e estas tendo palmo, e mais de comprimento, e outro tanto de largura, á similitude das de figueira. Pelo que, pôde dizer-se que se acertou a plantação; e penso, se pôde contar com todos estes 132 pés como para uma prodigiosa repro-

ducção, a contar já do seu primeiro anniversario, em que tenciono fazer a sua trasplantação, e fazer novo viveiro dos raminhos mutes: para então darei o 2.º boletim.

No entanto como o Sr. Salles deseja tambem ser inteirado de quanto possa melhorar esta nova plantação direi que o seu methodo dos pacotes com terra é bom, emquanto os pacotes não caem no poder de um almocreve que lhe sacuda a terra para ir mais leve, ou á força de trambalhões a terra se junta a um lado, e assim as estacas desamparadas da terra, amassam-se umas contra as outras, e perdem-se. E por isso eu usaria dos caixotes de taboa leve, com terra, ao tamanho das estacas, e á fórma da conducção que se pertenda.

Gonçalo Tello.

Vinha da Rainha 18 de julho

de 1844.

## VARIÉDADES.

### COMMEMORAÇÕES.

ANNO DOM.

2181



CONSERVA ainda janeiro o mesmo nome, com que era designado entre os romanos. O indigete deus Jano deixou-nos porém alguma coisa mais, que o nome do seu mez; — deixou-nos tambem vestigios das suas festas.

A religião nova não desdenhou herdar da velha e sanctifical-o para si, tudo o que n'ella sentiu aproveitavel. — Tambem por isto a accusaram — sendo aliás clarissimo o documento, que assim dava de tolerancia, força e politica, e ao mesmo tempo altissima e divina licção aos que, por não compreenderem a unidade do mundo, cuidam que o primeiro acto de cada seculo, deve ser queimar em monte, e sem escolha, toda a herança do passado: — sim — o Christianismo creou, quanto era mister crear-se, — mas quanto era rasão conservar-se, conservou-o.

De Jano pois ficaram subsistindo para a nova era, — além de alguns folguêdos populares, que ainda nossos avós alcançaram, sob o titulo de janeyrinhas, — outros, que geralmente se frequentam com a denominação de ESTREAS e BOAS FESTAS.

Em honra de Jano vestiam os romanos suas galas mais alegres, para se irem ao Capitolio, dar graças pelo anno findo, e implorar venturas para o novo, completando o dia com visitarem-se uns aos outros: nós nos arraiamos das nossas galas no mesmo dia; encetámol-o pelo templo; continuámol-o, concluimol-o com procurar a todos aquelles, com quem o parentesco, a amisade, os

benefícios, o respeito ou a dependencia nos ligaram. — Presenteavam-se os romanos com tâmaras, figos e mel branco em vasilhas brancas, e dinheiro — presenteâmo-nos ainda nós outros com delicadas confeitarias, a que ajunctamos, para os ricos, curiosos productos da industria; para os pobres, familiares e servos, moedas de prata ou cobre. — Iam os senadores e patricios saudar no palatino ao imperador: vão ainda hoje em todas as côrtes da Europa os altos empregados e magnates, os embaixadores e representantes estrangeiros a cumprimentar a el-rei e á real familia. — Ruins palavras e ruins obras são ainda hoje, como então eram, evitadas por agoiros infaustos, cujo influxo o povo cria e crê deverem forçosamente abranger a todo o anno.

Eis-aqui nos parece origens bem respeitaveis pela sua antiguidade.

A etymologia de Jano, (diz Ovidio, que o proprio Jano lh'a explicára a elle); é o nome *janua, porta*. A porta olha com uma face para a rua, com a outra para a caza. Jano olha com um de seus rostos para o tempo que dá costas, — com o outro para o tempo que se apresenta. Este Jano de dois aspectos, um para traz, senil e encanecido: outro para diante, loiro e menineiro; este Deus velho e moço, leviano e maduro, pacifico e terrivel, morte e vida, saudade e esperança, e symbolo absoluto da sapiencia, perdeu as aras, onde lhe queimavam incensos e lhe dirigiam votos, mas ainda agora no seu dia vem invisivel infundir-se em nossos animos, identificál-os consigo: e em verdade ¿qual é o espirito que deixará n'este dia de sentir-se, como quer que seja, superior a si mesmo, e em certo modo endeusado? Abarcando o preterito e o porvir, fundindo-os, vivendo-os, ainda, e já, mixtos um e outro no presente, ¿quem não descobre então saudades, pesares ou remorsos, em que nunca advertira? ¿quem não tece projectos, quem não enxerga esperanças com que nunca ou só apenas sonharia?

O negociante dá balanço ás suas especulações feitas e por faser: — o litterato ás suas obras e aos seus apontamentos: — o taful ao recheio da sua bolsa e aos calculos do seu baralho: — o politico ás mentiras que espalhou; aos creditos que deitou a perder; ás publicas vantagens que impediu ou encaminhou; e aos recursos, com que ainda póde contar para apanhar honras ou fazendas, tudo, já se sabe, para interesse nacional.

A casquilha, emquanto a sua aia a pentêa, parece estar lendo distraidamente a *Lélia* ou alguma outra

d'aquellas evangelicas novellas de *George Sand*, que tem já deixado a tanto marido sem mulher, a tanto pae sem filhas, a tantos meninos sem mãe: parece reler aquillo que ella sabe de cór; mas em realidade está fazendo resenha das galas, com que brilhou, e pensando já nas com que ha-de brilhar; — está recapitulando as demissões e as expectativas amorosas; fazendo o encontro dos logros activos com os passivos, e traçando as represálias. — Dir-se-hia que no espelho fronteiro, só contempla as graças, que a sua artista lhe está fabricando, emquanto n'aquelle espelho magico ella se está vendo triplicada: o seu rosto do hoje apparece entre o seu rosto de ha um anno e o seu rosto d'aqui a um anno: se a sua idade presente é ainda primavera ella sorri, porque e seu hoje é mais lindo que o seu hontem, e o seu amanhã deve ser mais lindo que o seu hoje: — se a sua idade porém já declina do estio para o outono, nas feições se lhe debuxa a inquietação e o terror, porque de cabeça em cabeça como de monte em monte mais alto, lhe vem geando cada vez mais copioso o inverno, precursor de solidão e cemiterio. Então uma tormentosa perplexidade se revela a seu despeito aos olhos escrutadores da serva, que, viçosa com os seus 16 ou 18 annos, não se vê menos bella no futuro que no passado e está antecipadamente saboreando as compensações, que a sua signa lhe deve, por tantos dias de mocidade mal perdidos em grangear triumphos para outrem; ¿e que tormentosa perplexidade será esta da senhora? E' a lucta interior do gosto contra a necessidade.

O gosto diz: —

— ¿Que ímportam as cãs! Paris que lhe ha vendido os enfeites, mandar-lhe-ha d'aqui ávante a côr juvenil para seus cabellos.

A necessidade: —

— ¿E as rugas e os outros signaes de decadencia que não pára em começando?

O gosto: —

— O brilho das joias e das flores encubrirá esses desares.

A necessidade: —

— Antes os realçará.

O gosto: —

— Estudar-se-hão ademanes mais carinhosos, pôr-se-ha mais affecto e seducção nas fallas, apresentar-se-hão mais fructos do espirito.

A necessidade: —

— O espirito murchou por falta de cultura. A conversação perderá tanto mais, quanto mais presumir: os corações dão-se mas não se deixam caçar;

os amores que voam, nunca mais tornam senão para escarnecer: não resta senão resignar e impôr a sabedoria e a prudencia sobre o altar já deserto do templo da vaidade.

O gosto: —  
— ¿E que bens dá a sabedoria e a prudencia para se compararem com o feitiço de ser festejada e citada como bella?

A necessidade: —  
— Produzem benevolencias mais duraveis, e que em logar de se entibiarem, crescem até á hora ultima; adormentam e a final extinguem os remorsos e pesares, congraçam-nos comnosco mesmos; fazem-nos bemvidos em toda a parte e nos cercam de respeitos. Á sua sombra prosperam as virtudes que havia, e nascem as que faltavam: a caza se torna ordenada e abundante; os filhos dóceis, obedientes, laboriosos; a vida mesma se retempéra e se prolonga; chegada a hora do testamento, ha com que semear n'elle gratidões, saudades e bons exemplos e a pedra do sepulchro não fica descoroada, estéril e deserta.

O gosto: —  
— Mas sempre é tempo demais para ceder á triste necessidade: a roseira já não tem botões, mas ainda ha n'ella rosas, é razão colhel-as.

A necessidade: —  
— A demora de colher a rosa murcha, á orla do pomar carregado de fructos, e fructos intermeados de flores, é já um roubo á felicidade.

O gosto: —  
— Tu és a superstição da velhice.  
A necessidade: —

— Tu és o fanatismo da mocidade.  
O gosto: —  
— ¿Chamarás tu velha a esta mulher?

A necessidade: —  
— ¿A esta mulher chamarás tu moça?  
O gosto: —  
— ¿Posso eu já ceder-t'a?

A necessidade: —  
— ¿Posso eu deixar-t'a por mais tempo?  
O gosto: —  
— ¿Que diriam as noites, e as assembléas!

A necessidade: —  
— ¿Que diriam os sisudos e os dias!  
O gosto: —  
— Calla-te, que me importunas. Eu tenho por mim o seu coração e a posse.

A necessidade: —  
— Eu tenho por mim a antiguidade d'essa tua posse e o seu espelho.

O gosto: —  
— Não poderíamos conciliar-nos?

A necessidade: —  
— Sim. Eu te deixarei todos os prazeres innocentes; e os mais que renunciarees serão por outros suppridos; mas tu reconhece-me por soberana.

O gosto: —  
— ¿Queres que puxe como escravo o teu carro de triumpho!

A necessidade: —  
— Quero só que te abrases comigo, que sejas eu, que o nosso triumpho seja um só.

O gosto: —  
— Não: tornemos ainda ao combate.

A necessidade: —  
— Embora, tornemos.

E effectivamente o combate recomeça. A necessidade não procura armas: a natureza lh'as traz todos os días de sobreceleste. O gosto vae fabrical-as a todo o custo: e este seu apercebimento para uma guerra em que uma derrota proxima e inevitavel o aguarda, é o objecto das meditações que haverá semeado esta hora de tocador na primeira manhã de janeiro.

Mas emquanto assim o deus Jano encarnado em cada individuo lhe contempla simultaneamente o seu porvir e o seu preterito, ¿que faz elle na alma dos jornalistas? Que o diga cada um por si, ou que o diga por todos o publico. De nós sabemos que estendendo a vista por todo esse largo espaço, que deixámos apóz, não descortinamos em todo elle senão boas e bellas obras de nossos muitos obreiros, parte já aproveitadas, parte com boas esperanças de cedo ou tarde o virem a ser e por entre tudo aquillo os vestigios da nossa anciania constantissima para o bem: para o diante outro tanto descobrimos e mais, se vida e forças nos consentirem desempenho aos bons desejos.

No anno que entra, procuraremos para que a nossa REVISTA mereça como até agora, o seu titulo de UNIVERSAL, que olhe sempre, como é seu uso, para as coisas que foram, e para as que devem ou hão-de ser, que seja um como Jano do jornalismo, saudades e esperanças, mocidade e velhice, vista para o levante, vista para o poente, vista para o berço dos seculos vindouros, e vista para os sepulchros dos seculos antigos, e todos estes olhos que oxalá fossem tão multiplicados como os de Argos, convergindo serviçaes para o mesmo sensorio commum: dois aspectos e uma só cabeça, duas expressões e um só interesse, porque o conservar e o crear, tão

perfeita e intimamente se combinam para haver mundo, como o espirito com a materia para no mundo haver homens, como a virtude com o trabalho para haver nos homens felicidade.

Temos feito o nosso exame de consciencia e a nossa profissão de fé litteraria n'esta fronteira do anno quadragésimo terceiro para o quadragésimo quarto d'este seculo. Restava agora antes de nos despedirmos de nossos amigos leitores, prendal-os por modo de estrêas com alguma coisa que lhes servisse. — ¿Mas qual póde ella ser? Á falta de melhor já no anno passado lhes offerecemos, e cortezmente nol-o acceitaram elles, o proprio nome das ESTRÊAS que já hoje anda corrente fazendo as vezes do *debuté*. Este anno porém ¿que offertaremos para que não diga Jano, o presenteador, que faltámos a parte do seu rito? Offertaremos o que melhor se nos depara. Offertaremos o proprio Jano, não em moeda de cobre, prata ou oiro como por Ovidio sabemos que no seu tempo se fazia em taes occasiões; mas em imagem para ser guardada na memoria. Depois do que temos visto d'elle; da emblematica significação dos seus dois rostos, que em tudo mandam olhar para traz e para diante; preceito que tão preciso é em todos os negocios privados, domesticos, publicos e politicos, nenhum assisado deixará de receber, guardar e considerar muitas vezes o nosso dom.

#### DO TRABALHO NOS DIAS SANCTIFICADOS.

(Communicado.)

2482 *Les rois n'ont plus de trône ou Dieu n'a plus de temple.* — Eis aqui uma verdade importantissima. Tirae os altares a Deus, e vereis os thronos desapparecerem: tirae a religião aos povos, e vél-os-heis convertidos em féras.

Entretanto, para a conservação dos thronos não basta que os altares se conservem; é necessario que se não barbarisem; não basta que haja religião, é necessario que se não desacatem seus dogmas, seus preceitos, nem suas maximas.

¿Será o nosso actual estado vantajoso a tal respeito? Por certo não. E se nós nos propossemos agora tractar plenamente d'este objecto, em vez de um artigo, teriamos de fazer um livro. Tocaremos apenas n'um abuso ou n'um escandalo, de que não ha ninguem que não tenha sido testemunha ocular n'esta grande capital: é o trabalho nos domingos e em outros dias sanctificados.

Por essas ruas, por essas praças, por toda a parte se vê trabalhar nos referidos dias, como se a religião que professamos, o não prohibisse; e como se ella não fosse até a religião do estado.

Tamanha relaxação é vivamente estranhada pelos estrangeiros, mais observantes de suas religiões, ainda que falsas, do que nós da nossa sendo a verdadeira.

A cessação do trabalho em determinados dias não é um preceito privativo da religião de Jesu Christo, é um principio universalmente seguido, um dogma universalmente confessado; e quem o despreza se não é atheu, não está longe de o ser.

O descanso n'esses dias é necessario ao physico, e ao moral do homem.

O homem, que trabalha seis dias, precisa de descansar no septimo. No fim da semana suas forças estão esgotadas, ou muito diminuidas, é conveniente, e necessario até o descanso para restaural-as.

Ainda porém que tal necessidade não houvesse, ¿que triste sorte não seria a de um ente condemnado a trabalhar todos os dias do anno sem exceptuar um só? ¿Que infeliz não seria a condicção de um fabricante, a de um cultivador, a de outros muitos, se ao menos de septe em septe dias não podessem gozar socegadamente a companhia de suas mulheres e de seus filhinhos?

¿Por outra parte que muito é que de septe dias que Deus nos concede, nós consagremos um ao menos ao seu culto, que não é um trabalho, uma fadiga, mas um repouso, um alivio, e até um prazer?

¿Vêde com que gosto os habitantes das freguezias ruraes em dias festivos vão aos templos do Senhor! ¿Vêde a satisfação com que ahi se demoram, com que volvem aos seus lares, e com que recordam entre si o que fizeram, o que viram, e o que ouviram! Os frequentadores dos theatros não teem momentos de igual felicidade, quando as mais bem desempenhadas cavatinas soam aos seus ouvidos.

Mas diz-se, ¿como não hão-de trabalhar no septimo dia aquelles, a quem o trabalho de seis dias não basta para a sustentação da sua familia? Esta objecção não passa de um sofisma. O producto de um trabalho bem regulado é mais proficuo, que o de um trabalho excessivo, que arruina a saude, antecipa a velhice e vem a inhabilitar para tudo. Mais val trabalhar moderadamente até ao termo ordinario da vida, que abusar das forças para abreviar esse termo, ou ser pezado á sociedade subsistindo á sua custa.

Outra objecção consiste, em que os operarios se não trabalharem aos domingos, e outros dias festivos, irão gastar nas tabernas, consumir na embriaguez, aquillo que nos precedentes dias tiverem adquirido. ¿Mas que logicá é esta, que não admite meio entre o excesso do trabalho e os extravios do vicio?

É fazer grande injuria ás classes laboriosas o suppol-as tão degeneradas, e pensar que na maior parte dos individuos que as compõe, póde mais o vicio que os dictames da razão, e as inspirações da natureza.

¿E que precisão ha de que estejam abertas, mórmente nas tardes e nas noites d'aquelles dias, essas cazas tão perigosas á saude, e tão prejudiciaes aos costumes? ¿Quem póde disputar ao governo o direito de as mandar fechar n'aquellas tardes, e n'aquellas noites?

Muito é para desejar que o governo tome em consideração este objecto, que sem duvida é dos que mais sollicitam os seus cuidados e as suas providencias. O respeito ás leis é uma grande necessidade para elle, e para os povos, ¿e como ha-de esperar-se que respeite as leis humanas quem despreza, ou não sabe respeitar as divinas?

**O ARCHITECTO DO CONVENTO DE BELEM.**

(Carta.)

2483 Sr. Redactor. — EM o numero 16 do seu periodico, do anno proximo passado, li eu o artigo 722, que é o mais devido, o mais bem traçado, e escripto encomio ao nosso escriptor e archelogo, o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen pela sua publicação da — *noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem*, — rica em linguagem, rica em historia, rica em tudo que constitue uma obra perfeita no seu genero; como porém anteriormente eu escrevi (em 1840) um ensaio sobre o mesmo assumpto, a — *descripção do real mosteiro de Belem com a noticia da sua fundação*, — sentimento grande tive ao vêr que o mesmo illustre escriptor (e meu amigo), repellia no seu opusculo do que affirmei no meu quanto ao principal architecto da fabrica d'aquelle grandioso templo; mas a final o Sr. Varnhagen tão afanoso em diligenciar noticias sobre antiguidades da nossa patria, descobriu documentos na Torre do Tombo, que corroboram a opinião que emitti, e declara em o Panorama numero 102 do corrente anno, no seu excellento artigo sob a epigrapha — *Belem*, que fôra com effeito Potassi, italiano (nome corrupto de Botaca) o primeiro mestre do edificio; como eu havia dicto.

Rogo pois a V. sendo possivel, se sirva dar publicidade a esta carta, para que seja notorio o quanto me lisongeia esta honrosa acquiescencia de tão profundo litterato; e sou

De V. &amp;c.

Em 14 de dezembro de 1843.

O Abbade Castro.

**OS INGLEZES.**

(Carta.)

2484 Sr. Redactor. — A IMPUDENCIA, com que os correspondentes dos jornaes inglezes, que d'essa côrte fornecem materia aos jornaes, encham semanalmente suas longas columnas, atacando o character nacional, sem nenhum respeito á justiça e á verdade, e em menoscabo da hospitalidade que com os referidos exercemos, não pôde deixar de offender, e ferir o melindre dos que, como eu, se prezam de ser Portuguezes. Em quanto aquelles bandidos da civilização atacaram os partidos, callei, porque os partidos não são a patria, mas hoje não posso deixar de me dirigir a V. Sr. Redactor para pedir o seu auxilio na defesa do nosso character nacional quotidianamente enxovalhado por homens sem missão, sem consciencia, e sem responsabilidade, e que vendem a calúnia a tanto por linha. Se V. approva esta patriótica empreza, eu me encarrego de lhe fornecer os materiaes, com que tambem semanalmente possa desmorrnar este atroz edificio de injurias e convicios, já communicando-lhe algumas d'estas injurias para que o publico saiba como é negra e atrozmente calumniado, já destruindo os erros e falsidades de algumas outras, já desmascarando a ignorancia crassa que se ostenta em varias accusações, e finalmente modificando o effeito de muitas, apontando identicas se não peiores que justificadamente se podem fazer á Inglaterra.

Se me dá licença, Sr. Redactor, e para encurtar razões, começarei já hoje com o correspondente do jornal *Times*: não porque elle mereça esta distincção pe-

lo pezo das suas arguições, mas porque é correspondente de um jornal de grande circulação, e comotal pôde fazer maior mal disseminando a mentira.

A primeira accusação falsa, que se encontra na carta do correspondente de Lisboa a este jornal de 8 do corrente, é a de que por um acto arbitrario se estabelecêra que as cortes podessem funcionar esta sessão sem o numero legal de deputados. Isto é falsidade e ignorancia da lei passada pelas côrtes a este respeito em sua ultima sessão.

A segunda é de que os deputados estão cobrando a sua diaria, e que comtudo não vem legislar. Todos sabem menos este escriba que os deputados só recebem o seu salario, desde o dia em que tomam assentam, ou vem á camara.

A terceira é de que muitas vezes se não abre a sessão senão tarde por falta de deputados, apresentada com grande encarecimento, pôde ser respondida com o facto de que muitas vezes aqui, se não abre a sessão pela falta do numero legal dos 40, por motivos bem pueris, como corridas, opera, etc. etc.

A quarta, é a ignorancia de que o governo tem o poder de dissolver as camaras municipaes, e d'ahi a asserção de que elle pôde tanto dissolver uma municipalidade como tirar o throno á rainha!!

Ousa no fim da carta este famoso John Bull fallar em corrupção eleitoral!! *Risum teneatis!!*

D'esta vez pouco ha que commentar, mas se o Sr. Redactor me quizer, aturar iremos tendo materia sobeja para desmascarar esta gentinha fão vil e tão daninha, que não hesita em nenhuma calúnia para ganhar o *panem nostrum*.

Philopatriæ.

Publicaremos com o maior gosto, quantas cartas d'estas se dignar enviar-nos o nosso honrado correspondente *in partibus infidelium*.

**NOTICIAS.****ACTOS OFFICIAES.**

2485 *Diario do Governo de 12 de dezembro.* — Ordem do exercito n.º 44. Venda e remissão de fóros e pensões.

*Idem de 13.* — Portaria mandando sobre-estar no provimento de empregos vagos na contadoria do Thesouro publico. Venda e remissão de foros e pensões.

*Idem de 14.* — Portaria aos administradores das alfandegas do reino mandando, que elles proponham tudo que poder augmentar a receita sem grayame de commercio, nem prejuizo da industria nacional. A alfandega grande de Lisboa rendeu no mez de novembro 194:624\$503 réis; a das Septe-Casas 130:322\$764 réis e a do Porto 66.438\$224 réis. Venda de bens nacionaes.

*Idem de 15.* — Relação dos premios, partidos, accessit, que foram conferidos a estudantes da universidade de Coimbra. Venda e remissão de fóros e pensões.

*Idem de 16.* — Portaria ordenando que, visto se acharem concluidas as obras no palacio da justiça no edificio da Boa-Hora, para alli se transfiram todos os cartorios e juizes criminaes, que ainda allí não estejam. Venda de bens nacionaes.

*Idem de 18.* — Portaria a todos os governadores civis para que deem providencias efficazes para nos seus respectivos districtos se cohibir a venda da polvora, não manufacturada na fabrica nacional. Outra sobreestando na arrematação da alfandega das septes cazas. Outra para que se promova a cobrança dos direitos de mercê. Venda e remissão de fóros e pensões.

*Idem de 19.* — Venda e remissão de fóros e pensões.

*Idem de 20.* — Portaria supprimindo o presidio da Cova da Moura, em consequencia da regularidade dos transportes para as provincias ultramarinas permittir, que partam logo para os seus degredos os a isso condemnados. Aviso aos navegantes de que o farol da torre de *Kullen*, na Suecia, se acha consideravelmente melhorado; assim como que em Dunkerque e Grave-lines se collocaram novos faroes.

### BONS AUSPICIOS PARA A CULTURA DA SEDA.

2486 **SABEMOS** que os Srs. contractadores do tabaco, não movidos de premio vil mas só de amor da patria, puro e desinteressado, estão resolvidos a adoptar uma providencia, que sem duvida fará, para logo, prosperar a cultura da seda, e chegar dentro em pouco, ao seu maximo crescimento. Averiguado o preço, porque poderá ser vendida a seda em bruto ás fabricas de Portugal e aos estrangeiros, darão ordem aos administradores dos estancos de tabaco de todo o reino para aceitarem e pagarem logo pelo correspondente a esse mesmo preço, quantos cazulos, se lhes forem vender. Por este modo todo o creador terá á mão uma saída certa ao seu producto pouco ou muito, e uma retribuição pecuniaria superior sempre ao pequeno e deleitoso trabalho, que houver tido. As donzellas e até as creanças de cada familia contarão com o seu réditosinho, e se attendermos para a summa probabilidade que ha, de que poucas ou nenhuma sedas do mundo poderão levar vantagem ás de Portugal, concluiremos sem temeridade que a amoreira virá com os annos, a ser para nós ainda mais preciosa do que a vinha.

### JORNAL DAS BELLAS ARTES.

*Annuncio.*

2487 **O ESCRITORIO** do jornal das BELLAS-ARTES, mudou-se para a rua do Arco do Bandeira n.º 59 — 2.º andar.

Este jornal é redigido por distinctos litteratos, e as suas estampas e *illustrações* são obra de accreditados artistas.

Publica-se um numero cada mez, com 16 paginas, em 4.º grande d'impressão; com 2 estampas, e vinhetas gravadas em madeira.

Subscrive-se em Lisboa no escriptorio da redacção; e na rua Augusta n.ºs 1, 120 e 195, rua do Oiro n.ºs 62, e 63; ao Chiado n.º 6; calçada dos Paulistas n.º 54; rua da Esperança n.º 150, e nas mais terras do reino como se annunciará nas capas.

*Preços.* — Por 3 mezes 1,200 rs. — Seis mezes 2:160 rs. — um anno 4,200 rs. — avulso 440 rs.

O n.º 2 sairá antes do fim do anno.

Esta obra, sem rival até hoje na imprensa portugueza, reúne em emminente grau todas as especies de meritos. Os melhores artistas, pintores, gravadores e lithógraphos, residentes na capital, escriptores, já ha muito affeitos ao publico favor, enchem á porfia estas paginas do que o seu lapis, o seu buril, ou a sua penna podem produzir de melhor n'um trabalho de amor e consciencia, para uma obra, monumento das nossas artes, e que já, como tal, começa de ser avidamente procurada por estrangeiros, e pedida para a Inglaterra, para a França, para a Allemanha e para a Italia.

Contém este segundo numero: —

O Quadro de S. Bruno, pintado pelo nosso insigne *Sequeira* e esmeradamente lithographado pelo Sr. *Le-grand*.

Um extenso artigo sobre o mesmo quadro por *A. F. de Castilho*; onde o auctor, historica e philosophicamente, pertende ving'r a instituição monastica da guerra de morte, que, em nome da historia e da philosophia, se lhe tem feito; e propõe e fundamenta as suas idéas sobre a conveniencia de se restaurar, sob certas condicções de reformação, o instituto religioso. — Assumpto certamente grave e merecedor de uma discussão sisuda e desapaixonada.

Conclusão do gracioso romance *MIRAGAIA*, pelo Sr. *Garrett*, ornado de bellas gravuras em madeira pelos Srs. *Bordallo* e *Coelho*, os creadores d'este genero de trabalhos entre nós.

A noticia biographica e artistica de *Sequeira*, escripta pelo nosso amigo e collaborador o Sr. *Silva Leal*, com aquella elegante clareza e discernimento que o distinguem.

Copia do tumulo d'elrei D. Diniz e um erudito e interessante artigo a respeito d'elle pelo nosso tambem amigo e collaborador, o Sr. *Silva Tullio*.

O terceiro numero, que seguirá com pequeno intervalo ao segundo, levará:

O quadro do *Incendio de Troia*, com que o Sr. *Fonceca* enriqueceu este anno a exposição da Academia, lithographado pelo delicioso lapis do Sr. *Guglielmi*.

O baixo relevo do Sr. *Cerqueira* e o *in promptu* do Sr. *Fonceca Junior*, que egualmente hão merecido gabos na mesma exposição.

A descripção de todos estes objectos é feita pelo Sr. *Garrett*.

Oxalá que tão illustrativa e proveitosa Empresa vá ávante, que, — se o não fosse, — triste documento daria n'isso este reino da sua blasonada civilisação.

### ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

2488 **ABRIRAM-SE** hoje (22) ao publico as portas do templo das bellas-artes. Por terceira vez, veio a rainha, distribuir por suas proprias mãos, aos alumnos d'esta esperançosa academia, os premios que lhes haviam sido adjudicados.

A'volta do meio dia, entraram na sala, nobremente adereçada para receber esta solemne sessão, SS. MM. a Rainha e Elrei, os Srs. Ministros d'estado, acompanhados do Sr. Conselheiro director, do corpo academico, e dos alumnos. — A sala estava cheia de convidados de todas as gerarchias; e, d'ambos os lados, havia uma galeria superior vistosamente guarnecida de senhoras.

Começou o acto, pela leitura da relação dos trabalhos (ou antes historia) da Academia, durando os tres annos discorridos, clara e elegantemente ordenada e lida pelo professor d'architectura, servindo de secretario, o Sr. *Sequeira*. Parece-nos obra de merito, o que poderemos avaliar quando sair impressa segundo é costume. No ponto em que se mencionava a deliberação da conferencia geral dos professores, sobre os premios adjudicados aos alumnos que a elles concorreram, pela invenção, copia, e execução das obras que fizeram, o Sr. Ministro do reino, inspector geral da Academia, tomou os premios, e os foi entre-



gando a S. M., que os distribuiu da maneira seguinte:

Ao Sr. Antonio Thomaz da Fonseca, alumno da aula de pintura historica, uma medalha de ouro pendente de fita azul; que S. M. graciosamente lhe lançou ao peito (e assim mesmo a todos os mais condecorados com medalha) pela invenção e execução de um quadro a oleo, de altura de seis palmos por cinco de largo, representando a *Creação do Homem*.

Ao Sr. João Pedro Monteiro, alumno da aula de desenho d'architectura civil, igual medalha de ouro, pela invenção e execução de um elegantissimo projecto de edificio para uma academia de bellas-artes.

Ao Sr. José Ignacio de Novaes, alumno da aula de pintura historica, uma medalha de prata, pela copia do quadro de *N. S. da Graça*, attribuido a Raphael.

Ao Sr. Manoel José Rodrigues Latta, alumno de esculptura, igual medalha pela invenção e execução de um grupo de meninos em baixo relevo, de tres palmos d'alto, por tres e meio de largo.

Ao Sr. Antonio Pedro Cardoso Carceres, alumno da aula de architectura civil, igual medalha, pelas cópias do plano do real palacio d'Ajuda.

Ao Sr. Joaquim Antonio Marques, alumno da aula de pintura historica, um diploma de *accessit* obtido no concurso de invenção e execução do quadro a oleo representando a *Creação do Homem*.

Ao Sr. Valentim José Corrêa, alumno da aula de desenho d'architectura civil, igual diploma de *accessit* obtido pela invenção de um projecto de edificio para uma academia de bellas-artes.

Ao Sr. José Maria Caggianni, alumno da aula de esculptura, igual diploma de *accessit* alcançado pela invenção e modelação de uma estatua de Camões, altura de tres palmos.

Terminada que foi a relação do Sr. secretario, o Sr. doctor Francisco de Sousa Loureiro, director da Academia, leu um discurso historico-artistico, de muito estudo, e assás auctorizado.

Começou por uma saudação á rainha, a el-rei, e ao principe herdeiro — tão original, e cheia de gravidade, que de todo o ponto correspondeu (até no tom e meneios da recitação) á veneravel ancianidade, saber, e mais nobres partes do auctorizado orador; suscitando n'aquelle conspicuo auditorio, uma sensivel suspensão attenciosa, muito para notar; a qual fóra mui grata ao respeitavel director, se a elle poderá perceber n'aquelle ponto, mas que nos comprazemos de commemorar aqui, para honra sua, da Academia cujo foi interprete, e de toda aquella brilhante reunião.

Passou depois a determinar as differentes épocas artisticas do nosso reino, ponto este em que não ousámos se quer enunciar a nossa opinião. Respeitamos tanto as do sabio orador, que não ousamos contrariar-as aqui tão sem pausa, e sem melhor conhecimento do seu elaborado escripto, que tambem deve sair impresso.

Em duas partes o dividiu depois: na primeira tractou exclusivamente da época da existencia do famoso pintor Grão-Vasco, sua naturalidade portugueza, obras, eschola etc. e aqui mostrou o erudito orador demasiada confiança nos documentos e auctordes que adduziu, e mui arreigada convicção e firmeza nas suas asserções.

Que nos perdôe o sabio director da Academia, a li-

sura e franqueza com que lh'o assim dizemos. As pesquisas e estudos que havemos feito, para chegar a fim tão patriótico, e para nós os portuguezes tão glorioso, não nos deram ainda tão redondas evidencias.

E todavia o illustre director, adiantou muito a prol da historia de Grão-Vasco; pôz por terra algumas objecções que os estranhos, sem melhores documentos que os nossos, teem alevantado contra a naturalidade do celebre pintor; bem merece já assás dos amigos das boas artes nacionaes, mas não arribou a tanto quanto presuppõe. Estudou grandemente o ponto, talvez compulsou quanto ha *impresso*, mas isso não basta. Temos ainda muito mais com que responder aos estrangeiros impertinentes e levianos (fazemos as excepções devidas).

A segunda parte do discurso constou da historia do adiantamento das artes na Europa, n'este triennio; e a menção das produções da Academia; rematando finalmente com um queixume pessoal: queixume d'aquelles que ainda nenhum bom servidor da patria deixou nunca de fazer com razão!

El-rei esteve attentissimo a toda a leitura d'este discurso, e deu mostras de lhe aprazerem as investigações do sabio director, ácerca da naturalidade portugueza de Grão-Vasco.

Terminada a sessão, SS. MM. foram visitar todas as aulas onde estavam expostas as novas obras, do que se mostraram extremamente satisfeitas. E El-rei, como grande intendedor que é, interrogou os respectivos professores, fazendo observações muito a ponto e judiciosas. Perto de tres horas se detiveram SS. MM. na Academia, saindo visivelmente gostosos e lisongeados, e todo o seu sequito, ficando o estabelecimento patente por estes dias.

Foi na verdade a abertura da exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, de 1843, uma solemnidade nacional e magestosa. *Silva Tullio.*

CONSTA-NOS que o JORNAL DAS BELLAS-ARTES tem de julgar, parte por parte, a exposição de 1843. A competencia de tal redacção, para tal juizo, é tão notoria, e de tão boa mente por nós reconhecida, que, mui gostosos, desobrigamos a nossa folha de um encargo, cheio de espinhos e de perigos tambem.

#### PROPRIEDADE LITTERARIA.

2489 A PIRATARIA litteraria, que envergonhava parte do nosso jornalismo, e empobrecia e ameaçava de morte outra parte d'elle, que de certo não era a menos rica nem a menos util, amainou ha tempos se ainda de todô se não extinguiu. Foi um progresso de civilização moral e litteraria, custou grande trabalho e muita perseverança, mas obteve-se. Os exemplos de latrocinio periodical são hoje raros, e pede a justiça que declaremos que são ainda mais raros do que parecem, porque o character de alguns dos redactores, que em suas folhas reproduzem artigos d'esta nossa, sem ahi designar d'onde os houveram, é aliás tão conhecido, que mais se deve isso attribuir a descuido de seus compositores e revedores do que a uma fraude mesquinha e torpe e a uma especulação contra produtor da redacção. Novamente supplicamos pois a todos os nossos collegas que recommendem aos directores de suas typographias, que não consintam se falte para comnosco á punctualidade honrada a que nós até

hoje ainda não faltámos para ninguém. O *Tribuna* tomou-nos o nosso ultimo artigo de S. Carlos pelo Sr. *Silva Leal* sem outra alguma declaração mais do que o nome do auctor. Na arte de cultivar a seda pelo Sr. *Tinelli*, vemos a paginas 67, copiado como da *Coalliação* um longo trecho do importantissimo artigo 2094 da *Revista*, provavelmente porque na *Coalliação* apparecera como seu proprio etc. etc. etc. *ius suum cuique*.

### RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE NOVEMBRO DE 1843.

2490) TEMPERATURA media das madrugadas 47.º F. — dicta nas horas de maior calor 60º5 — dicta media do mez 53º,7, ou tres gráus mais fria do que a normal — variação media da temp. diurna 13º5 — maior variação da temperatura diurna 18º, nos dias 14, 15, e 16 — maior frio 40.º nos dias 14, 15, e 16 — maior calor 69.º no dia 9 — menor altura do baronado 748,4 millimetros a 11 do mez — maior dicta 766,9 a 29 do mez — media do mes 758;8 reduzidas á temp. de 61.º F.

Ventos dominantes, contados em meios dias N, 15 — NO, 9 — O, 2 — SO, 4 — S, 2 — NE, 18 — V, 4 — B, 9 — Estado da atmosphera — Dias claros 16 — claros e nuvens 4 — coberto 4 — cobertos e clarões 1 — chuva 5 — Nevoeiros 5 — Geadas 4 — Frios notaveis 10 — Ventosos 9 — chuva recolhida em todo o mez 26 millimetros equivalentes a pouco menos de 8 almudes por braça quadrada, ou apenas um terço da que costuma cair regularmente neste mez.

Quadras dominantes foram oito: a 1.ª de 4 dias tepidos com a temperatura media de 58º, chuvas moderadas, ar humido, e ventos brandos do NO a S: a 2.ª de outros 4 dias frescos, na temperatura de 56.º, ar secco, céu claro, e pequenos ventos de NE, e N.: a 3.ª de 3 dias em 59º de temp., ar humido, céu claro, e um nevoeiro matutino com pequenos chuviscos, ventos frescos do N a NO: a 4.ª de 5 dias com a fria temperatura de 48º, ar muito secco, céu claro, ventos rijos do N e NE; com duas geadas matutinas, e o barometro mui baixo: a 5.ª de 6 dias frios, apesar de se elevar a sua temp. 3 graus sobre a antecedente, atmosphera variavel, nevoeiros matutinos, ar um pouco humido, bonanças ou pequenos ventos do NE: a 6.ª de 2 dias com a fresca temp. de 53.º, ar humido, céu coberto, e uma pequena chuva, com ventos do NO: a 7.ª com a fria temp. de 50.º, ar humido, um nevoeiro matutino que se dissipou deixando a atmosphera clara, e ventos bonancosos do NO: a 8.ª e ultima de 4 dias com a temp. 4.º mais quente do que a antecedente, ar humido com pequena chuva no primeiro dia, mantendo-se a atmosphera clara nos outros tres, e ventos do NO. — Segue-se por consequencia que o mez decorreu mui variavel nas suas quadras, e geralmente frio, muito secco, e pouco ventoso, faltando as duas terças partes da chuva que costuma apparecer regularmente em novembro, um dos mais chuvosos do anno no nosso clima.

Phenomeno notavel — Ao pôr do sol do dia 23 se observaram na cidade do Porto os dois phenomenos do parhelio, e aurora boreal, raros no nosso clima, e já descriptos no n.º 17 da *Revista*. — A insolita seccura d'este mez e as geadas repentinas da 4.ª e 5.ª qua-

dra tem cauzado prejuizos nas partes, e nos prados, retardando o desinvolvimento das plantas.

*Necrologia de Lisboa e Belem.* — Foram sepultados nos tres cemiterios 671 cadaveres, sendo 354 do sexo masculino, e 317 do feminino: maiores 462, e menores 209 continuou por consequencia o augmento de mortalidade, já observado no antecedente mez, pois que excedeu em 89 obitos, ou quasi uma sexta parte á que costuma haver regularmente em novembro n'esta cidade, decorrendo assás doentio e funesto.

P. S. — Como enviamos este nosso artigo para a *Revista*, em 25 do mez de dezembro, devemos acrescentar que a funesta seccura, que teve principio em novembro, tem permanecido inalteravel até hoje, decorrendo o mez de dezembro com uma só quadra muito mais fria do que a normal, ar extremamente secco, céu mui claro, ventos brandos do NE, que acalinam de tarde, e favorecem as repetidas geadas nocturnas, contando-se já 13 até hoje. O barometro se mantém extremamente elevado, e sem offerecer a menor apparencia de chuva. — Os campos ressequidos impossibilitam a sua lavra, pelo que se acham mui atrasadas as sementeiras dos cereaes. — As fontes e mananciaes, inclusivè as de Cintra, se acham quasi extinctas, e nos chafarizes da capital se experimenta maior escaez de aguas, do que no verão mais calmoso. As hortaliças estão queimadas, ou enfesadas, e as pastagens quasi desappareceram, deixando os gados sem alimento. As geadas e a falta de humidade tem feito cair definhados os fructos dos montados do Atehtëjo, pelo que é mui escassa a nutrição do gado suino, de que haverá grande falta este anno. — A continuada seccura dos dois mezes mais chuvosos do nosso clima, é na verdade um phenomeno raro, e do qual ainda não observamos outro exemplo no dilatado periodo de nossas observações.

M. M. Franzini.

### EMIGRAÇÃO.

2491) No PRIMEIRO semestre de 1842 a emigração de Portugal para o Brasil offerece o seguinte resultado:

Do Porto . . . . .	459 individuos
Dos Açores . . . . .	344 »
De diferentes portos . . . . .	97 »
De Lisboa . . . . .	47 »
	<hr/>
	947 »

Pouco menos de metade do numero total é do Porto, e pouco mais de um terço dos Açores.

No segundo semestre de 1843 a proporção é como se segue:

Do Porto . . . . .	775 individuos
Dos Açores . . . . .	711 »
De Lisboa . . . . .	218 »
De diferentes portos . . . . .	209 »
	<hr/>
	1913 »

No primeiro semestre de 1843 em consequencia das providencias adoptadas pelo governo portuguez, e dos meios indirectos empregados para obstar á alliciação dos colonos, encontra-se bastante diminuição como abaixo se vê:

Do Porto.	715	individuos
Dos Açores	320	»
De Lisboa	294	»
De diferentes portos	54	»
	1380	»

«Ao todo 4240 passageiros portuguezes no espaço de anno e meio, os quaes foram conduzidos em 104 navios dos quaes 59 eram portuguezes.

«Ao mesmo tempo outros navios teem reconduzido á mãe patria, e com importantes valores, algumas centenas de portuguezes, que depois de largos annos de residencia no Brasil, conseguiram colligir um capital sufficiente para viverem em descanso o resto de seus dias.

A razão da maior emigração da gente do Minho encontra-se facilmente no grande numero de negociantes e logistas d'essa provincia, que hoje se acham estabelecidos no Rio de Janeiro, e n'outros pontos, os quaes pelas suas relações de parentesco, vizinhança e amizade atrahem muitos mancebos áquella corte, onde são quasi exclusivamente empregados como caixeiros em lojas e armazens. A gente dos Açores pela maior parte é empregada na agricultura, concorrendo também para isso a sua inaptidão para outros misteres, e não saber ler nem escrever a mór parte dos que alli aportam.

#### AVENTURAS DE UM BRILHANTE.

2492 Do *Periodico dos Pobres no Porto* substanciamos a presente relação: —

«Apparecera, ha pouco, em Villa Nova de Gaya um sujeito por appellido *Brilhante*: filho de outro *Brilhante*, conhecido na terra pelos seus roubos coroados com uma sentença de degredo. 25 annos havia, que o *Brilhante* filho partira para o Bazil e nunca mais houvera novas d'elle. Tornava agora sim com os seus modos e cheiro de marujo mas arrotando mundos e fundos que dizia ter ganho lá para as bandas de Montevideo.

«E com effeito perguntou elle por seu pae, e lhe disseram que seu pae era morto. E perguntou por suas irmãs, e lhe responderam que andavam lá para as bandas do Alemtejo na companhia de uns soldados. E então perguntou por seu irmão, e lhe foi respondido que estava no hospital. Á palavra hospital o nosso *Brilhante* já não quiz ouvir mais nada: a voz do sangue lhe gagueja dentro d'alma, corre ao hospital, abraça o irmão, tira-o de lá, e ferra com elle em uma estalagem mandando dar-lhe quarto, cama, mesa, facultativos e botica: e d'alli a tres dias tornou a ir vê-lo e puchou por tres onças hispanholas e as offereceu ao dono da locanda para se pagar: porém o homem da hospedaria não era dos mais atumados, rejeitou in limine a offerta e disse — no fim pagará tudo. — O nosso *Brilhante* brilhantemente tornou a recolher as tres onças e saiu.»

«Em Villa Nova espalhou elle, que tinha dinheiros no banco e letras para receber, sacadas em Vigo, sobre as casas de dois negociantes, um portuguez e outro inglez d'esta cidade: e alugou o primeiro andar de uma taberna em Villa Nova, mandando pintar e acear tudo de novo — para, dizia elle, poder viver com alguma decencia, — e escreveu para o Alemtejo a mandar vir suas irmãs, que andavam fóra da lei de Deus; e n'isto mostrava elle que presava os bons costumes e a honra da família.»

«Ora existem dois irmãos barqueiros, por appellido os *Cantinhos*, homens algo remediados e que por seu character fazem figura entre os da sua classe, tanto activa como inactiva, e foram estes os que procuraram com mais extremo a amizade do nosso *Brilhante*, que passou logo a ser muito amigo d'el-

les, passeando de braço dado, e inquirindo d'elles e dos negociantes de Villa Nova o genero, que dava mais no mercado para elle poder empregar os seus fundos: — porque, dizia, nada de dinheiro empastado, o dinheiro ganha dinheiro. — Responderam-lhe que era azeite o genero que dava agora interesse, e o homem calculou logo quantos mil odres lhe seriam precisos para metter o azeite que ia comprar.»

«Estavam as coisas n'estes termos, quando houve alli um casamento a que o nosso *Brilhante* foi convidado, pois já era notabilidade do pequeno tom; e no dicto casamento viu elle uma menina, que não era má, e tinha ao pescoço os seus cordões de ouro, os quaes lhe augmentavam o interesse. Era esta menina irmã dos seus amigos *Cantinhos*, o que para o nosso *Brilhante* foi oiro sobre azul; e logo lhe dirigiu os elogios da ordem, coisa que as raparigas não engeitam: e ou n'essa occasião ou nas seguintes lhe foi dizendo aquellas palavrinhas doces e sympathicas, que todas as raparigas ourem com benevolencia e prazer. Disse-lhe que a amava, e que por muito feliz se consideraria se ella quizesse acceptar-lhe os seus têres, e com elles a sua mãe. A menina, á palavra têres, tomou uma attitude mais explicativa, e não só não torceu o nariz, mas deixou sair d'aquellas palavrinhas meio pronunciadas que equivalem a um — *Eu por mim . . . não se me dá! . . . faço muito gosto! . . . dependo de minha mãe!* — etc.»

«Entaboladas portanto as sympathias, foram cuvidos os dois irmãos que pegaram com ambas as mãos e projectaram logo grandes fortunas; e a senhora sua mãe, que foi ouvida, segundo era de lei, ergueu as mãos para o céu e exclamou — benedito seja o Senhor de Mathosinhos, ainda verei a minha filha de cabriolé! — Ajustado tudo, mettem-se mãos á obra, e o nosso *Brilhante* tracta de se vestir com mais decencia e mais á moda; elle manda mobilar as salas no ultimo gosto, e um dos seus cunhados futuros o conduz ao mercador, ao alfaiate, ao negociante de trastes, e tudo se põe em movimento para se concluirem as encomendas. O homem brilhante tinha gosto: as cadeiras, as marquezas, os espeijos, o leito nupcial era tudo coisa fina, envernizada e com cheiro de inglez. Os seus vestidos eram de panno fino, e até comprou um vestido de setim branco que offereceu á sua futura como a primeira prova do seu affecto.»

«E como elle tinha os seus têres no banco e as letras para vender, disse a seu cunhado — *Abone lá isso que eu pagarei* — e o bom do *Cantinho* abonou tudo. E então tractou-se de alcançar dispensa de banhos, cuja despeza orçada em uns 40\$000, o mesmo cunhado pagou para não incommodar os fundos do futuro n'ivo. Tractou-se da escriptura do casamento, e o nosso *Brilhante* disse — que dotava a menina com uns poucos de contos de réis que tinha no banco, mas que por motivos não assignava a escriptura senão no dia seguinte ao do matrimonio. Aqui principiaram os irmãos da noiva a doer-se, e dizendo-lhe — que era preciso dinheiro porque elles não tinham grandes meios, o nosso *Brilhante* respondeu com indifferença — a letra de Vigo sobre . . . . . e companhia tornou para a Galliza para certas declarações, mas não tarda. — Os dois barqueiros ficaram com a pedra no çapato.»

«E na vespera do dia do feliz consorcio que o marceneiro teima pelo dinheiro das cadeiras: o homem *Brilhante* viu-se embaraçado, mas não era elle homem d'esmorecer. Ergue-se e diz-lhes: — vamos ao escriptorio do . . . . . negociante inglez, lá teremos dinheiro —: e elles o acompanharam ficando de fóra; porém como saísse sem o metal preconizado, os cunhados azoaram, e o marceneiro lhe disse — Este homem é um grande tratante a meu ver; tomem vms. conta na rapariga, olhem que elle ferra-lhe o mano.»

«E então sabendo estes do negociante inglez que o tal *Brilhante* nenhum dinheiro alli tinha, nem o conhecia, e que fóra ajustar passagem no paquete, saltam em cima do *Brilhante*, e o descompozaram de alto abaixo. Porém o homem intrincheirou-se nos fundos do banco, e poucos momentos depois se conheceu que o banco não possuia nem *uma de ris* d'este senhor.»

«Recolhido á sala pintada, entrou a divulgar-se a noticia; junta-se o povo á porta do *Brilhante*: o marceneiro principia a pôr no meio da rua as cadeiras, marquezas e mais trastinhos envernizados, sem attender o pobre homem, que muito a sangue frio dizia — que tinha dinheiro enterrado na cozinha,

e que só de noite o podia desenterrar:—nada lhe valeu a evasiva: o pintor acode ás tintas da sala; e o mestre alfaiate lhe tira o casaco, a véstia, o lenço, e as pantalonas, e até o çapateiro o deixa descalço. E o nosso *Brilhante* fica embrulhado no cobertor da cama. Foi então que o juiz eleito acode; faz-lhe perguntas na fórma das leis do reino, e o nosso *Brilhante* embrulhado no cobertor, confessa que nada tinha de seu. O povo quer-lhe ir ás ventas, os barqueiros gritam pela fiança, o taberneiro pelo rol da comida e aluguel da caza, o estalajadeiro pelo curativo do irmão. Porém o homem era philosopho; vê toda esta procella com o maior socego, e sem commover-se das lagrimas da sua futura metade, que diz adeus ao seu vestido de setim, e lamenta o ficar solteira. A mãe veio no fim cobril-o de improperios, que o *Brilhante* supportou sem dar cavaco.»

«Assim se passa o dia tempestuoso, até que chega a noite fatal, e o homem *Brilhante* diz adeus a Villa Nova de Gaya, á noiva, aos fundos, e ao azeite, e dá consigo fugindo a bordo do paquete. Lá vae elle cortando os mares, tendo deixado o seu nome immortalizado nos fastos de Villa Nova de Gaya.»

### FOGUETEIROS NO POVOADO.

2493 HONTEM ás 3 da tarde deram as torres signal de incendio, que foi assás desastroso, succedendo este triste acontecimento em uma fabrica de foguetes na rua do Bomfim. Ignoramos como o fogo pegou, o que sabemos com certeza é — que se ouviu de repente uma fortissima explosão, que causou terrivel susto na rua, cujos moradores em grande parte fugiram gritando. As casas terreas, onde se fabricavam os foguetes voaram, deixando só os alicerces; a frente da dicta caza, porta e telhados foram cair em pedaços a alguma distancia, quebrando as vidraças das cazas fronteiras. Duas cazas terreas lateraes ficaram damnificadas, assim como as vidraças de umas cazas contiguas; o fumo foi immenso assim como o clarão e o estrondo dos foguetes e de diversas peças de fogo prêzo. O dono da fábrica o Sr. Manuel Gomes quasi que ardeu, não tendo podido despir a tempo os vestidos incendiados; uma hora depois foi sacramentado, e parece que não escapará. Seu sogro chamuscou as mãos; um criado Manuel Mendes foi em pessimo estado para o hospital em uma maca; e uma criada, por nome Maria, ficou tambem terrivelmente maltractada e queimada na cintura. As cazas tinham os numeros 171 e 172. Por esta infeliz occorrença lembramos á Ex.<sup>a</sup> Camara municipal a necessidade de se não consentir semelhantes fábricas de fogo juncto ás outras casas, e menos dentro da cidade, como alguma existe.

*Periodico dos Pobres no Porto de 8 do corrente.*

### UM LOUCO MANSO FEITO POR OUTROS BRAVOS.

2494 Ha para as bandas de S. José de Ribamar um alienado que dá pelo nome de José:—tem de idade uns 30 annos;—a sua vida é estar deitado ou assentado juncto de algum dos tres conventos, *Boa Viagem, Sancta Catharina* e *S. José de Ribamar*: por mais ardente que esteja o sol, por mais forte que seja o frio e a chuva sempre impassivel de noite e dia.—Mudo, desconsolado e triste, a principio chorava de quando em quando e tão rijamente que a todos consternava; e contam por lá, que de quando em quando gritava — «onde está a minha casa, onde estão os meus irmãos.»

Quando a fome o aperta, levanta-se e corre á primeira caza que encontra e manda que lhe dêem pão: se se demoram ou lhe não apresentam com aceio — regeita-o e vae demandal-o a outra parte. Trata a todos por tu. Anda sempre com a cabeça descoberta; e descalço.

Todos os vizinhos affirmam — que era frade de um d'aquelles conventos: e realmente o seu aspecto e modo assim o deixam crer. Quando encontra mulher atira-se desamparadamente de peitos contra o chão; e assim se conserva até que ella passe.

Em summa, se as lagrimas d'este desgraçado são por sua caza, livros e irmãos, mais temos que lamentar porque tambem temos caza, tambem temos livros, irmãos e amigos.

J. C.

### INVEJA DAMNADA.

2495 ANTONIA Maria era aquella tendeira da *calçada da Estrella*, a quem Diogo Alves havia já dado uma triste celebridade. Todos se lembram do fingido contractador de porcos, que viera com um fingido criado, ser vizinho d'ella no andar de cima — emquanto, dizia elle, não regressava para o Alemtéjo. — Todos se lembram de como este cavalheiro passado tempos, recolhendo-se uma noite mais tarde, e batendo reiteradas vezes á porta da rua, sem conseguir que o moço accordasse, chamou pela vizinha, e lhe pediu — que pondo-se em pé sobre a cama batesse para cima com o páu da vassoira, — o que ella fez. — Que então o supposto dormiente accudira estremunhado a abrir, figurando-se tomado de vinho, e representando o patrão uma cholera, que para mais verisimilhança da scena desfechou em pancadaria. Finalmente, que sabedores assim do sitio precisamente, em que jazia a cama da charidosa vizinha, cortaram, no espaço de um ou dois dias, com uma espada em braza, aquella porção de taboado, que ao mesmo tempo lhes servia, a elles de piso, a ella de tecto, e que o páu da vassoira havia accusado: e a horas da noite em que ella já dormia, lh'o fizeram de subito abater sobre o corpo, descendo ambos logo apóz, roubando-lhe uns novecentos e tantos mil réis, e desapparecendo.

Curada das feridas e contusões, e tornada em si do terror, recommçou Antonia Maria o seu negocio. Rendia-lhe este assás para se ella manter, e ainda para forrar alguns vintens, que já por ultimo sommavam, no canto da gaveta, umas trinta moedas. Vivia porém desconsolada, parecendo-lhe o caminhar da fortuna para ella um insofrivel pisar ovos; e por vezes lhe ouviram expressões, que denunciavam tédio e cansasso da vida. Uma conferencia, que pouco ha tivera com outra do seu tracto, a acabou de desorientar descobrindo-lhe, que se ella não era tão infeliz como outra muita gente a quem falta o necessario, na sua mesma occupação havia quem lhe ganhasse em afortunada. — Dois ou tres dias depois (a 18 do corrente) foi achada morta na sua cama, com signaes e fortes suspeitas de suicidio. A auctoridade começava já a fazer *ex-officio* o inventario dos bens da defuncta, quando encontrou com um testamento, em que ella nomeava por seu herdeiro universal a um bacalhoeiro.